

PRÓLOGO

Os dois caçadores haviam perdido a conta aos dias que haviam passado a correr pelos bosques escuros de tuias em forma de pirâmide, espruces estreitos e altos abetos. O cheiro a pinho e a resina já se lhes alojara nos narizes, o tapete castanho de caruma fora o único solo que haviam pisado desde a separação. Havia descoberto marcas de cascos e isso incitara-os a correr mais depressa. Montados, os seus perseguidos podiam cobrir uma distância considerável e os caçadores corriam o risco de lhes perder o rasto se as nuvens cinzentas no céu levassem a cabo a sua ameaça. Os dois corriam ininterruptamente, capas cinzentas esvoaçando atrás deles como asas.

As pernas do eahan ruivo ardiam, os seus pulmões pareciam secos de inalar o ar frio e cada golfada de ar magoava-lhe a garganta. O antroleo deixava atrás de si um contínuo rasto de baforadas condensadas e a língua pendia-lhe, mas não parecia cansado. Babaki decidira acompanhá-lo para pagar a sua dívida, pois fora Quenestil quem o salvara da fossa armadilhada na qual o antroleo tentara acabar com a sua vida. Era bom estar acompanhado, mas a ideia de ser responsável pelo que pudesse acontecer não agradava ao solitário shura. Esta luta era sua e deveria travá-la sozinho, mas não pudera contrariar a vontade de Babaki, não quando teria feito exactamente a mesma coisa.

Um breve sorriso afectado surgiu-lhe na face. Aqui estava ele, a correr que nem um carcaju desvairado atrás de uma eahanoir, uma eahanna negra que teria morto e que o poderia ter morto a ele na primeira vez que se encontraram. Mas as coisas não se passaram assim e, na noite em que Slayra desapareceu, Quenestil descobrira que a amava e que o sentimento era recíproco.

«A vida é tão segura como uma montanha e tão agitada como um seixo de rio. Não sejas rijo como o carvalho, mas flexível como o teixo. Adapta-te como puderes e serás feliz», sempre lhe dissera o seu pai.

Apesar de Quenestil ter sido um carvalho toda a sua vida, as palavras do seu pai, Lunce Anthalos, soavam-lhe agora mais sábias que nunca.

— Quenestil... — disse Babaki de repente, correndo ao seu lado.

O eahan despertou dos seus pensamentos e deu a sua atenção ao antroleo, sem parar de correr.

— Sim?

— Não achas que devíamos descansar um pouco?

Quenestil olhou para o seu amigo de relance. Forte como um urso, rápido como um corço, Babaki era uma das mais dóceis criaturas que o eahan alguma vez encontrara. Sabia muito bem que o antroleo seria capaz de continuar a marcha durante muito mais tempo, mais do que o eahan alguma vez poderia aguentar, mas pedia-lhe que parasse. Não por ele, Quenestil sabia-o, mas para que o eahan tivesse um pretexto para descansar. E assim fez.

— Muito bem, meu amigo — acedeu, ofegante, dando uma leve palmada no musculoso braço peludo de Babaki. — Vamos repousar um pouco e comer qualquer coisa.

Os dois sentaram-se no chão e mordiscaram umas lascas sensaboronas de carne seca, empurrando-as com goles de água dos cantis de couro.

— Cheiras alguma coisa? — perguntou o eahan, limpando o queixo com as costas da mão.

— O odor a cavalos ainda é claro. Estamos no caminho certo.

— Ótimo. — Quenestil deu-se ao luxo de comer uns frutos secos, que Babaki imediatamente recusou. — Vamos então — disse, de boca ainda cheia.

Os dois levantaram-se e retomaram a apressada marcha. Os montes ondulantes das terras latvonianas iam-lhes revelando algumas aldeias espalhadas pelos campos. Pareciam todas desertas e aqui e ali viam-se filas de pessoas a avançarem lentamente pelas estradas, homens e mulheres que queriam fugir à vindoura guerra. Quenestil abanou a cabeça e suspirou enquanto corria. Os humanos nem precisavam de drahregs ou eahanoir, matavam-se uns aos outros. Eahanoir... Slayra...

«Aguenta-te, meu amor. Eu vou buscar-te. Juro.»

O rasto dos cavalos conduziu os dois caçadores a uma aldeia abandonada. Nas ruas de terra batida abundavam galinhas que correram

desajeitadamente para fora do alcance dos dois, cacarejando. Babaki lambeu os beijos, mas conteve-se. Portinholas eram agitadas ao sabor do vento, batendo ruidosamente contra as janelas. Uma insígnia onde se lia algo em Urial com um urso em pose de dança indicava a estalagem e as marcas de cascos dirigiam-se aos estábulos e para fora deles, estas mais recentes. Mesmo assim, Quenestil abriu a porta com cuidado, empurrando-a com o ombro e de arco pronto. Um rápido vislumbre não revelou nada a não ser uma sala abandonada e desarrumada e o eahan relaxou o fio. O shura entrou cuidadosamente, ouvindo com atenção. Uma galinha cacarejou mais violentamente lá fora, mas Quenestil não fez caso do ruído. Não se ouvia nada. Reinava um silêncio sepulcral.

Espirros de sangue e mobília escancarada traçavam um caminho que ia dar à cozinha da estalagem e Quenestil encaminhou-se para lá. Havia migalhas e restos de comida recentes nas mesas que ainda estavam em pé, mas o eahan ignorou-as. Quando entrou na cozinha, deparou com uma cena de violência. Um humano jazia sentado no chão, cabeça inclinada para o lado e mãos sangrentas estendidas aos seus lados. Viam-se duas manchas vermelhas na parede com dois rastros que se prolongavam até às mãos do homem, o que sugeria que ele as tivera cravadas contra a parede. O seu comprido bigode estava encrostado de sangue e o seu avental branco tinha borrões vermelhos de facadas. O arco curvo de Quenestil tremeu quando nele crispou os dedos de raiva.

— Babaki...? — Onde estava ele?

Virou-se de repente, apercebendo-se de que se esquecera do antroleo. Estava tão habituado a agir sozinho que nem mesmo todo este tempo com os companheiros o havia ajudado a ganhar o hábito de trabalhar em equipa. Ouviu o ruído de passos e saiu da cozinha para deparar com Babaki. O antroleo virou-se para ele, uma expressão envergonhada na sua face cheia de penas e manchada de sangue. Quenestil relaxou e, apesar da situação, permitiu-se um meio sorriso.

Babaki lutava todos os dias contra o animal dentro de si, o legado shakarex da sua família que o podia transformar num monstro assassino se perdesse o controlo. As galinhas lá fora haviam obviamente sido demasiado tentadoras...

— O que aconteceu aqui? — perguntou, esfregando penas da sua boca.

— Está um homem morto na cozinha. Os malditos eahanoir não perderam tempo.

O antroleo acenou com a cabeça, agitando a juba, e ergueu-se, mexendo as orelhas nervosamente.

— Vamos enterrar aquele pobre homem e ver se sobrou alguma comida por aqui — disse o eahan.

Não havia comida, mas enterraram o estalajadeiro com pedras. Quenestil ter-lhe-ia escavado algo mais apropriado, mas não se achava com tempo suficiente para tal. Slayra afastava-se mais a cada instante que passava. O Sol já alcançara o seu zénite por detrás das nuvens quando os dois findaram o trabalho e deixaram a aldeia abandonada.

Caminharam durante vários dias, comendo pouco e dormindo ainda menos, somente o necessário para não tombarem de exaustão. Babaki fazia sempre a primeira vigia. O antroleo parecia incansável, mas fingia estar tão exausto como Quenestil, caso contrário o eahan continuaria a correr. Iniciavam a caminhada antes da alvorada e apenas paravam ao anoitecer de modo a não perder os rastos, com alguns intervalos breves pelo meio para comer e descansar. O frio aumentava e chegou a chover num dia, um prolongado chuvisco que angustiou Quenestil, mas que não conseguiu despistar os dois caçadores, que continuaram a seguir o rasto durante sete dias após a partida da aldeia abandonada. Ao fim do oitavo, chegaram por fim ao seu destino.

O Inverno ainda reinava nas vastas estepes de Karatai. Um cobertor névoa cobria a imensidão de terra plana que se prolongava até onde a vista alcançava e que se parecia unir com o céu no horizonte. Massas de nuvens cinzentas e revoltosas agitavam-se no firmamento, aglomerando-se em cúmulos e ameaçando desencadear uma furiosa tempestade a qualquer momento. O vento varria a estepe gelada, uivando como uma alcateia de lobos celestiais e fustigando com fúria as únicas coisas que pareciam mexer-se na vastidão: duas figuras que se arrastavam a passos morosos pelo chão. Encobertas com peles que as resguardavam parcialmente do frio, caminhavam cabisbaixas de modo a abrigar as faces do vento. Uma delas era uma mulher, cujos cabelos negros teimavam em lhe escapar do capuz em fios esvoaçantes, originando resmungos que se dissolviam na imensidão da estepe. A seu lado caminhava um humanóide de pele negra como piche e cabelos entrançados que o vento também tentava levar consigo. Os seus olhos pretos de pupilas vermelhas estavam fixos num ponto indeterminado do chão, erguendo-se por vezes para perscrutar o horizonte, como se estivesse à espera de algo, tornando a baixá-los de seguida.

«Que o Flagelo te leve, drahreg!», pensou a mulher. «Trazes-me para este ermo desolado para arranjar ajuda e nem sabes onde a encontrar?»

Hazabel estava deveras irritada. Kror dissera-lhe que tinha amigos em Karatai, amigos que a poderiam ajudar contra «o grupo de homens malvados» que a perseguia, mas já quatro dias haviam passado — quatro dias a errar por terreno plano coberto de neve até perder de vista — e não haviam avistado vivalma, nem sequer um pássaro! Kror não dissera nada desde manhã e Hazabel temia exprimir coisas que não devia se abrisse a boca. Além do mais, o vento gelado poderia lacerar-lhe a garganta se falasse, pelo que a marcha decorreu em silêncio, com a excepção dos ruídos originados pelo furioso pisar da harahan na crosta de neve.

Subitamente, Kror estacou e os seus olhos dardejaram para o céu, fixando-se lá. Hazabel seguiu-lhe o olhar e viu uma ave a planar nas alturas, circundando os dois.

— O que foi? — perguntou, apesar de aquele ser o primeiro animal que haviam avistado.

Kror contemplou a ave durante mais alguns instantes, baixando a cabeça de seguida e retomando a marcha.

— Um falcão. Anda, vamos — disse sem qualquer outro tipo de explicação.

Os dentes de Hazabel rilharam, ou talvez estivessem só a tiritar de frio. As peles que haviam apressadamente despojado dos cadáveres ocurr no Vale dos Ventos providenciavam uma parca protecção. Expelindo a raiva numa longa exalação condensada que o vento dissolveu, a harahan foi em frente. Arrastaram-se por mais algum tempo, medido apenas pelas passadas que davam, até que avistaram pontos negros à distância. Kror deteve-se e Hazabel cerrou os olhos para tentar ver melhor. Fossem o que fossem, aproximavam-se depressa.

— Quem são? — indagou.

— Ocurr — respondeu o drahreg, flectindo os dedos quase entorpecidos pelo frio.

— São... amigos?

— Vamos ver.

Os pontos negros haviam-se tornado figuras montadas e as figuras eram agora cavaleiros cujas montadas pareciam deslizar pela neve até eles, uns vinte no seu número. Carregavam lanças e tinham arcos em estojos ao lado das selas.

— Não faças nada e deixa-me falar — disse Kror.

Hazabel acenou com a cabeça e pôs-se docilmente atrás do drahreg. O chão começou a tremer com o bater dos cascos. Os cavaleiros não proferiram qualquer som, mas tiraram os arcos dos estojos e prepararam setas. Quando estavam suficientemente próximos, Krór desembainhou os dois alfanges, brandindo-os com destreza e cruzando-os por cima da cabeça, gritando algo numa língua que a harahan desconhecia.

Os cavaleiros pararam e o líder do grupo puxou as rédeas da sua montada tão repentinamente que o animal se empinou, orneando. Estavam agora perto o suficiente para que Hazabel lhes visse as caras: redondas, de pele queimada pelo sol reflectido na neve, olhos ovais e faces inexpressivas. Tinham gorros de couro forrados a pele com palas para as orelhas, escudos de vime às costas e envergavam túnicas de couro com peles curtidas por cima. Todos a ignoravam, fitando Krór, e alguns deram toques com os calcanhares nos flancos dos animais para que estes comesçassem a andar e circundar o estranho par que se lhes deparava. O líder nada disse, mas inclinou-se, apoiando o cotovelo na sela e estudou Krór, que o encarava com um olhar confiante. Outro ocurr carregava um falcão no braço. A ave olhava alternadamente para Krór e para o seu dono, como se estivesse a confirmar algo.

Sem qualquer aviso, o líder tirou o seu arco do estojo, preparou uma flecha e apontou-a ao drahreg. Hazabel encolheu-se, mas Krór não mexeu um músculo. Após quatro batidas de coração, o arco vibrou e a flecha singrou para o alvo. Com um guincho, Hazabel caiu de nádegas no chão, mas Krór nem piscou.

A flecha estava espetada na neve no meio das suas pernas.

O capitão ocurr grunhiu aprovadoramente e desmontou, entregando as rédeas a um dos seus homens. Enquanto Hazabel tentava recuperar a dignidade, esfregando a neve do seu traseiro, o ocurr dirigiu-se a Krór com os passos decididos e a postura recta de um líder. O drahreg era mais alto que o ocurr, mas ambos se fitaram olho a olho sem nada dizer.

Por fim, os dois ergueram o braço direito de lado, executando um movimento rápido para a frente e os seus antebraços colidiram, braços cruzados. Abriam os dedos e apertaram a mão um ao outro, prendendo o cumprimento com as mãos esquerdas. O ocurr sorriu, exibindo dentes amarelados, os seus olhos ovais pouco mais que duas alegres frestas e Krór fez o mesmo. Os restantes cavaleiros desmontaram para o cumprimentarem, passando por Hazabel como se não a vissem.

A todos Kror retribuiu a saudação com o calor do reencontro de velhos amigos, finalizando com o acto de partir a seta que estivera cravada no chão debaixo das suas pernas.

— Kror? — sibilou Hazabel, passando por vários ocurr esquecidos dela. — Quem são estes?

— Os meus amigos, os Cho Tirr — respondeu, proferindo algumas palavras que levaram os ocurr a saudar a harahan com reticentes acenos de cabeça. — Vem — disse Kror, montando uma das curiosas montadas, parecidas com burros com pêlo de tom alaranjado e estendendo a mão a Hazabel —, vão levar-nos ao acampamento.

Sem saber como responder, a harahan agarrou-lhe a mão e deixou-se içar para cima dela.

— Agarra-te bem. Os ocurr galopam com o vento — acrescentou o drahreg antes de a cavalgada começar.

A enorme sala do trono de Ul-Thoryn fora durante muito tempo o centro do poder de Nolwyn. A luz das janelas estreitas iluminava as inúmeras figuras de reis e heróis retratados nos frescos das paredes, que contavam gestas ouvidas por ninguém, mas que ecoavam pelas abóbadas em cúpula, sustentadas por colunas de mármore com capitéis folheados a ouro. Histórias menores eram relatadas pelos ladrilhos trabalhados que se estendiam no chão desde a entrada até ao estrado, sob o qual Aereth Thoryn ponderava naquele que já fora o trono do rei de todo o Nolwyn. O enorme sólio dourado tinha a forma de uma possante e esplendorosa águia de asas abertas que resguardavam o regente sentado entre as suas patas. Enquanto Aewyre herdara o sangue siruliano da mãe, Aereth era baixo e robusto como o pai, Aezrel, com os cabelos pretos e encrespados dos homens do Sul e a permanente mancha de uma barba que lâmina alguma conseguia lavar. Não envergava trajes sumptuosos, apenas uma capa vermelha presa por um broche com a forma de um sol, uma toga de fino linho roxo ornamentado com bordados negros e uns sapatos de camurça. A única peça que ostentava era a coroa de Thoryn: uma tiara de ouro com duas asas nas têmporas e o semblante de uma águia na frente com rubis no lugar de olhos.

Aereth estava desassossegado e não parava de se mexer, ora afundando-se no encosto estofado do trono, ora apoiando os cotovelos nos joelhos e o queixo nos punhos. O seu estúpido irmão mais novo decididamente cometera o Terceiro Pecado desta vez: enganar os guardas, roubar Ancalach, levar Allumno (ainda não acreditava que

o sensato mago tivesse ido), fazer o maior alarido por onde passara e arrastar a princesa de Syrith para a balbúrdia! Essa última ainda podia causar graves problemas, visto que só o viera a saber através de um mensageiro de Vaul-Syrith, Jestiban Kilune. As palavras que trouxera do seu senhor não haviam sido nada agradáveis, e muitos dos seus conselheiros haviam-nas interpretado como ameaças veladas e sugerido uma resposta à altura. Sunlar Syndar revelara-se «desapontado» e considerara o comportamento do irmão do senhor de Thoryn «inaceitável». Kilune anunciara ainda que o seu soberano tencionava suspender as relações comerciais entre as duas cidades por tempo «indeterminado» e exigia um pedido de desculpas pessoal de Aereth Thoryn. Como se isso não bastasse, houvera um vazamento de informação e nos últimos dias haviam circulado os mais diversos rumores na cidade e pela província fora: Aereth incumbira o seu irmão de raptar a princesa Lhiannah para servir de moeda de troca na anexação de Syrith. Não, os dois sempre se haviam amado secretamente e tinham fugido para as terras altas da Latvonia para viverem felizes e em paz. Qual quê, tudo não passava de uma trama do misterioso mago da gema vermelha para se tornar ele o senhor de Thoryn, não, de todo o Nolwyn. Disparate, a guerra entre Syrith e Thoryn havia começado, era mas é preciso empacotar os pertences e ir embora antes que fosse tarde! Como se esses boatos não bastassem, relatos do ataque de um ser das trevas em Sardin haviam causado o maior alvoroço por todo o Nolwyn, Ul-Thoryn incluída. Um sem-número de disparates que mereciam a atenção de Lorde Thoryn, não fossem eles causar mais problemas que os que já tinha entre mãos. Se ao menos o estúpido do Aewyre não tivesse levado o Allumno... o mago sempre fora bom conselheiro, e Aereth já se havia afeiçoado a ele de certa forma, já que o mago fora quase como um pai para si e para o seu irmão...

Um inesperado tilintar acordou de sobressalto o regente dos seus pensamentos. Olhou em frente, mas as grandes portas entalhadas permaneciam fechadas. Os seus olhos percorreram as redondezas, mas não viu ninguém.

— Quem está aí? — perguntou às paredes, apreensivo.

Como resposta veio uma leve risada que ecoou pelos quatro cantos da vasta sala. Antes que Aereth abrisse a boca para chamar os guardas, uma figura multicolorida surgiu detrás de uma das colunas marmóreas. Envergava um traje de jogral com listras amarelas, violetas e alaranjadas cravadas de pequenos sinos. Os seus compridos sapatos

violeta obrigavam-no a um andar trôpego e da sua touca laranja pendiam frouxamente duas orelhas de coelho. Era Dilet, o bobo.

— Bobo, que fazes aqui? Como entraste? — perguntou Aereth, permitindo-se respirar uma vez mais.

— Hu, hu, hu! — Dilet fingiu estar a chorar. — Um regente macambúzio é coisa triste de ver, até para um bobo! — Tão depressa como aparecera, a falsa tristeza esvaneceu-se. — Permita-me animar vossa senhoria com histórias de rir e chorar, malabarismos e saltos a voar, disparates e asneiras sem-fim, por favor, alteza, ria-se de mim! — Assim que acabou de falar, Dilet tropeçou desajeitadamente e estatelou-se no chão de coloridas lajes.

O regente conseguiu erguer um canto da boca, mas não estava com grande disposição para piadas.

— Agora não, bobo. Faz-me rir ao jantar quando o vinho me devolver a boa disposição...

A cabeça de Dilet ergueu-se espasmodicamente.

— Beber? — o bobo pulou para os seus pés. — Não não não. Beber é bom, faz rir e rir faz sempre bem, mas beber, beber faz mal também! Permita-me inebriar vossa alteza e fazê-la rir, vinho inebria mas não faz sorrir!

Aereth abanou a cabeça e dispensou o jogral com um gesto da mão.

— Retira-te, bobo. Agora não é a altura para rir.

Executando cambalhotas e piruetas no ar, Dilet prostrou-se nos degraus do estrado do trono.

— Permita-me discordar, se não pode rir, bem pode deixar de sonhar. Mas se a minha rima incessante vos enfastia, como vos posso alegrar nesta sala fria?

— Não preciso de ser alegrado, bobo. Preciso de pensar...

— Pensar? Problemas para resolver? Nisso não posso ajudar, mas um ouvido amigo posso dar. Fale, vossa alteza, deite tudo cá para fora. O bobo estúpido ouvirá e de seguida se irá embora.

Aereth suspirou e recostou-se no trono. Pensou que talvez até lhe fizesse bem falar um pouco com alguém que não os intriguistas da corte e acedeu à persistência do bobo, até porque o que o atormentava não era segredo algum. Além disso, absurda como a situação era, talvez o ideal fosse mesmo discuti-la com um bobo...

— Complicado óbice, grave problema... — comentou Dilet no fim do relato, a sua voz mais calma e o ritmo menos frenético. — Fugiu-lhes a corça e culpam o nosso bezerro.

Aereth riu por fim, divertido com a comparação.

— Vossa alteza se acautele e ouça as palavras deste estúpido bobo que há muito anda nas andanças da corte. O senhor de Syrith é sabido e calejado, astuto e para intrigas dotado. Ouvi agora o que tenho para vos dizer...

Inicialmente surpreso, Aereth viu-se aos poucos e poucos embrenhado no discurso do bobo e a ouvir as suas palavras atentamente. À medida que ia escutando, as sugestões cada vez lhe pareciam mais sensatas, os argumentos mais lógicos. Os olhos cómicos de carúnculas bem visíveis de Dilet já não o faziam rir, cativavam-no com uma argúcia que não sabia existir neles. Já o Sol ia adiantado quando as portas se abriram e o regente de Thoryn saiu de peito estufado e porte confiante com o bobo a seu lado. Os dois guardas que flanqueavam a entrada saudaram o seu senhor com punhos ao peito e nenhum estranhou o sorriso de Dilet.